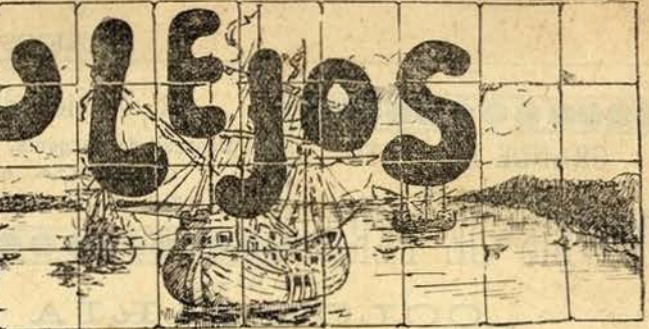


COMPRA

Os Zulejos



*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A LIBERAL
R. de S. Paulo, 216

Tiragem 4:000 exemplares

3.^A

SERIE



SEGUNDA-FEIRA 20
ABRIL
1908

PREÇO DE CADA NUMERO

20 RS.



Todos os numeros publicam um trecho de musica

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor.
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.


EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receituário.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª

Fornecedores da Casa Real
82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente
166 — RUA DO OURO — 170

Installações completas
para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres
em todos os generos



As cartas dos consolentes devem vir accompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
- «Côr da pelle, dos olhos, dos cabelos.»
- «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pelle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feito do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
- «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pelle.»
- «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»
- «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»
- «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
- «Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?»
- «E' cabeludo ou glabro?»
- «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloçando o côrpo?»
- «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
- «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
- «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
- «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»
- «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»
- «Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.»

COMPRA



Tiragem 6:000 exemplares.

ALBEM

*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
20 DE ABRIL DE 1908

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 *
 A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

NUMERO AVULSO 20 RÉIS



CHÁ E TORRADAS



Herlok Holmes não é um mytho! Existe. Vi-o eu com estes dois que a terra ha-de comer! affirmava o Simeão á mesa d'um café espetando o indicador e o maximo em V na direcção dos seus olhinhos pardos muito esboghados.

O seu compadre, chefe de policia já retirado do activo e portanto agente da passiva, sorria, confiando as guias do bigode, em ar de duvida.

Já t'o disse! insistia elle. E para prova ouve a historia que has-de convencer-te.

O ex-chefe ageitou-se na cadeira, bateu as palmas e perguntou lhe: o que tomas?

— Qualquer coisa, disse o Simião, entretanto ouve lá. E começou a narrativa.

Viajava eu de Boston para New-York e como o comboio tivesse uma paragem de vinte minutos em Swelt aproveitei-os para almoçar, e como no compartimento onde ia tinha apenas por companheiro de viagem um padre francês, não tive duvida em deixar alli a pequena mala de mão

onde levava todos os meus haveres: um masso de notas do banco e um livro de cheques da casa Baring.

Almocei tranquillamente e, ao tomar de novo logar no comboio, reparo com grande espanto que a mala havia desaparecido e bem assim o padre que me inspirara tanta confiança.

Afflicto espreito para a gareem

Mascaras illustres



Leão Tolstoi

procura do chefe, d'um empregado d'um policimen, de alguém a quem pudesse queixar-me, mas ouço o signal da partida, um silvo e o comboio põe-se em movimento, deixando, atraz a estação, o padre, a mala, tudo!

Cahi aniquillado sobre o estofo da carruagem e só dei por mim em New York!

Dirigi-me immediatamente ao pos-

to de policia mais proximo e fiz a minha queixa. Era difficil a descoberta, não havia o menor indicio e como a viagem era longa, a area de que o gatuno dispunha seria enorme e escapando assim ao alcance do policia.

Fizeram-se buscas, prisões e o padre não apparecia, perdendo eu pouco a pouco a esperanza de reaver o meu rico dinheiro.

Uma noite, andando a vaguear perto do correio, olho de repente para um individuo que caminhava apressado atravessando a fila de carruagens que estacionam na praça e reconheço o meu companheiro de viagem, o gatuno que se apoderára da mala.

Dei um salto, doído de alegria, persigo-o, approximo-me, deito-lhe a mão e agarro-o com toda a minha força, gritando-lhe ao ouvido. Até que emfim! filei-o. Venha a minha mala!

O homem volta-se olha-me espantado e não menos fiquei eu quando reparei que me havia enganado!

Desfiz-me em desculpas e dizendo mal á minha vida retirei-me para casa com o juizo perdido. Ao chegar alli porem, encontro sobre a minha secretaria um bilhete onde li com o maior jubilo e espanto.

Queira mandar buscar a sua mala á rua de Coverly onde lhe será entregue em troca d'este bilhete. Sherlock Holmes.

Não esperei mais tempo.

Desci a escada, galguei a rua e eis-me no sitio aprazado, ancioso por tornar a ver o meu peculio que julgara perdido para sempre.

Appareceu uma velhota que me fez umas perguntas e a troca realisonou-se logo. Verifiquei na sua presença o conteudo da mala e, estava exactamente como a deixára.

Retribui em protestos de gratidão, semelhante acto de honestidade e fui logo ao posto onde fizera a queixa declarar que a mala apparecera graças á intervenção de Scherlok Holmes.

Deixei-os assombrados com a revelação e aqui tens tu como as coisas se passaram.

Mas afinal não o chegaste a vêr como tinhas dito observou o compadre, meio convencido pela narrativa.

Espera. No dia seguinte o Sherlock procurava-me. E imagina como eu fiquei quando dou de cara com o padre, o companheiro de viagem. Explicou então o caso elle mesmo em pessoa.

Fora o portador da mala que, dizia elle, me esqueceu no compartimento quando sahi na estação de Swelt e que conservára em seu poder sem querer abri-la, o que fez depois por se lembrar que dentro haveria qualquer indicação de quem fosse o dono.

— Vê lá tu o que fez a minha distracção. Fui eu que ao subir para o wagon tomei um compartimento deserto pelo outro d'onde tinha descido!

— E o Sherlock?

— Vim a saber que não era o nome d'elle. O cartão trazia eu dentro da mala e era reclame a um romance em voga na America.

— Sim, senhor! commentava o policia attonito fitando o seu compadre.

— E' um homem extraordinario, digo-t'o eu. Vio com estes dois que a terra ha-de comer, explicava o Simeão espetando o indicador e o maximo em V na direcção dos seus olhinhos pardos muito esbaldados.

N'este momento acercara-se o creador perguntando:

O que tomam os snrs?

Olha — diz o Simeão traz-nos chá e torradas.

MISS WHITE.

Vê-se nas capas o concurso charactístico e notas secções.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

AGUA BOA

A's pessoas que habitem quaesquer povoações, cidades, vilas ou aldeias, em que a agua fôr suspeita, e ainda áquelas cujo orçamento não permite a compra d'aguas mineraes, recommenda-se a esterilisação da agua que lhes fôr distribuida.

Como esterilisar a agua?

A filtração é um meio infiel.

A ebulição oferece ao consumidor, agua de mau gôsto e de digestão difficil para a maior parte dos estomagos.

Taes inconvenientes podem diminuir-se consideravelmente esterilizando a agua, um ou dois dias antes de começar a bebê-la.

Excelente processo de desinfeção da agua é sem duvida o que consiste na sua esterilisação sôb pressão. Coloca-se a agua numa marmitta de Papin, ou num autoclave, o que será melhor. Mantem-se durante vinte minutos entre cem e cento e dez graus. Esta agua, está claro, não ferve, e portanto conserva a maior dos gazes e dos saes que lhe são proprios e portanto conserva o gôsto e a digestibilidade da agua comum.

MULHERES GALANTES



Emilianna Allençon

No entretanto, para que este processo dê bons resultados, é necessario que se tomem certas precauções.

1.º — No momento em que se termina a operação da esterilisação e em que se suprime o aquecimento do aparelho, a agua está a temperatura superior a cem graus; comprehende-se que, se nêsse instante se abrir a torneira d'escape do vapôr, suprime-se a pressão que este exerce sobre a agua e esta começa logo a ferver, perdendo, portanto, as vantagens dêste modo d'esterilisação. Não se deve, pois, abrir a supracitada torneira, sem que a temperatura do aparelho desça abaixo de oitenta graus.

2.º — O recipiente em que se coloca a agua que se quer esterilisar, deve sêr de natureza tal, que não comunique mau gôsto á agua. Deve dar-se preferencia ao vidro, á fôlha nikelada, á fôlha esmaltada.

3.º — As nossas aguas são, em geral, tão ricas em calcareo que, mesmo sem ferverem, perdem e depositam quando aquecidas a cem graus ou mais, grande parte da sua cal. Para obtêr pois uma agua limpida, clara e de aspecto agradável, é necessario, apôz a operação, decantá-la

cuidadosamente e a beneficio de instrumentos rigorosamente limpos.

4.º — E' inutil esterilisar os recipientes para os quaes se extravasa a agua desinfectada, visto como nos propomos obtêr um liquido iuxta de germes nocivos e não um produto integralmente esteril.

5.º — Se a agua esterilizada fôr guardada em garrafas, haja cuidado de escolher rôlhas de primeira qualidade, afim d'evitar o desagradavel gôsto a rôlha, eventualidade que não é rara.

THUD ORROUBH ADU.

ESPIRITISMO

Comunicação de Eça de Queiroz

(Do volume II *Do Paiç da Luz*, no prelo)

Quando a morte pôz termo aos desregramentos que a vida me permittiu na terra, fui como que arrastado por um mau vento a sitios em que o sofrimento me amarfanhou, por tal modo, que não sei bem se seria melhor que a vida se tivesse extinguido de todo no meu organismo, como se fosse causa da mais mesquinha origem, se o ter o condão precioso do prolongamento da existencia, pondo-me assim quasi a par da Divindade.

Colhido de surpresa, eu fui como que arremessado a um redemoinho em que me sentia irresistivelmente impellido a vêr tudo que de condemnavel tinha feito. Nem o cerrar os olhos, nem o procurar esquecer, conseguiam mais do que mais e mais avivar o remorso que me torturava. Então eu maldizia toda a vida que acabava de deixar e todos os gosos, que, a custo de uma má acção, havia conseguido.

A' frente do meu olhar attonito perpassavam, como em lanterna magica, todos os actos bons e maus, que eu conscientemente havia praticado; e por cada acto mau uma afflicção nova me pungia.

E ai de mim! que a maior porção era d'estes!

Tendo passado a minha curta vida terrena em despreoccupada caça ao gôsto, a custo de todo o preço, nunca me lembrei da possibilidade de que não fosse só para isso que eu tivesse vindo á terra.

E para maior mal, nem a desculpa tinha de ser um descrente.

Cria em Deus, cria em que a minha alma era perpetua; mas nunca me occupei com o que se passaria depois da morte!

Como tratamos habitualmente de resto o que de mais importante existe para nós! Como somos imprevidentes!

Depois d'aquelle exame de consciencia, somos restituídos á nossa liberdade, e fica-nos livre o direito da escolha do que desejamos fazer, na limitada zona em que as nossas faculdades nos permittem residir.

Se o conhecimento do nosso mal e da sua causa nos dá o remorso, sincero proposito de arrependimento e de emenda, podemos começar a trabalhar n'isto, empregando toda a nossa boa vontade em emendar o que de mau fizemos, se isso ainda pode ter emenda, e em alliviar aquelles d'ahi e d'aqui que soffrãem e padecem. Dedicando-nos á practica da caridade e esquecendo, tanto quanto ser possa, os nossos proprios pesares, por cada acto de abnegação e amor ao proximo, que praticarmos em expiação, o nosso proprio mal se aligeira, como se a nós fôra que prestemos o beneficio; e insensivelmente nos vamos sentindo alliviados da dôr que a principio suppunhamos eterna.

(Continúa).

Modas e Confeções



CLARISSE

(Continuação)

VIII

No dia seguinte, no momento em que a mala posta partia, um rapaz, que andava em torno de mim desde que sahira do hotel, entregou-me uma carta e desapareceu.

Queimei essa carta ha muito tempo, mas as menores expressões ficaram-me na memoria, ou antes no coração e posso repeti-la toda.

Era assim:

«Infelizmente tambem eu sou uma mulher vendida, mas ao menos quero cumprir o meu contracto, pois que nunca esquecerei o meu dever.

«Queria que a nossa rapida viagem ficasse para nós o que será para mim só: uma boa recordação. Não soube comprehender me.

«Mas se devo perder o seu amor, se eu propria lhe supplico que esqueça esse sonho, não quero que case por me haver feito essa confissão. E' por isso que lhe escrevo.

«Tambem eu sonhei um terno poema de vida obscura, em que o amor compensasse o trabalho; tambem proferi o anathema sobre as mulheres que acreditam, ou fingem acreditar, que só a riqueza é necessaria e que suffocam o seu coração pela vaidade; tambem eu, e a expiação do meu erro chegou, só tive desprezo quando deveria ter tido compaixão talvez.

«Quem me diria então que um dia, eu propria, teria que curvar a fronte sob essa reprovação com que esmagava as outras.

«O! porque veio aqui? Teria estimado tanto ficar para scnhar um d'esses sonhos que não teem desperdar e que não tem saudades. Como não comprehendu, pela minha tristeza, que não havia felicidade para dar-me?

«E o que ganhou o senhor com a sua teimosia? Em vez de uma fugitiva visão d'amor conservará desprezo.

«Mas a minha missão é já bastante pesada e não posso resignar-me a sobrecarrega-la mais ainda. O seu esquecimento, a sua compaixão talvez, mas o seu desprezo é de mais. Que Deus me perdõe se faço mal, mas é necessario que saiba a verdade.

«Vendo-me aqui cercada, senão de luxo, pelo menos de abundancia, disse sem duvida que só alguma ambição sordida podia impellir-me para os braços de um velho. Ah! a minha unica ambição, e esta é bem desinteressada, é assegurar-mos abrigo áquelles que amo; porque, saiba-o, tudo isto será miseria dentro de novo anno, em alguns meses talvez, para minha mãe, cuja imprudente ternura preferia consagrar o seu proprio patrimonio em dar-nos uma educação em relação com o nosso nascimento,

do que em preparar-nos para a vida do trabalho, a que nos destinava o estado dos nossos haveres depois da morte de meu pae; para meu irmão, essa pobre creança que conhece, e para minha irmã mais nova, que a necessidade forçaria talvez a accetar d'aqui a alguns annos, um mercado semelhante áquelle que ha pouco conclui.

«Foi sobretudo este pensamento, que uma de nós estava fatalmente predestinada, que me deu forças para resignar-me. Se é preciso um sacrificio, sou eu, a mais velha, que devo fazê-lo.

«A missão é rude, bem o sei, e algumas vezes receio fraquejar. Mas espero que, vendo minha mãe sem inquietações pelo futuro, meu irmão, graças a uma alta protecção n'uma carreira honrosa, e minha irmã, livre por mim, de escolher e de preparar um dia o ninho da sua felicidade, encontrarei, no sentimento do dever cumprido, e resignação e a tranquillidade unica aspiração que me é permitido ter.

«Adeus. Não tente tornar a ver-me. Não deve fazê-lo, e espero que não queira tirar-me a força de que tenho necessidade para seguir o meu triste caminho. Seja illustre, seja feliz e, se pensar em mim, peça a Deus que me dê repouso.

CLARISSE

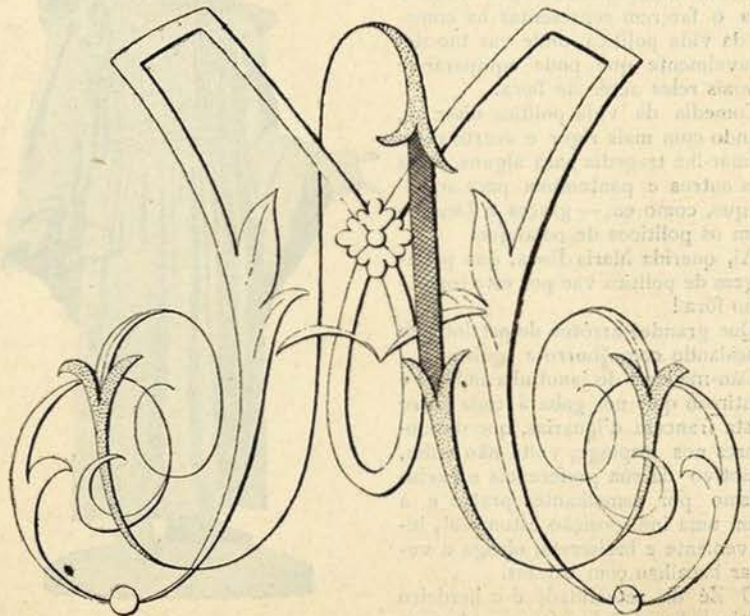
O meu primeiro movimento ao terminar a leitura d'esta carta foi mandar parar o carro e voltar a Brest immediatamente; a reflexão impediu-me que o fizesse.

Cai aniquilado no carro que continuou a levar-me para longe d'aquello sonho tão encantador, mas, infelizmente, tão rapido.

TRADUÇÃO

(Continúa).

BORDADOS E RENDAS



A. M.

BRINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

IV

Boa amiga:

Antes da semana santa uma semana infernal.

Antes da Paixão official da folhinha, a paixão sentida por todo o portuguez honrado e sincero ao topar com bandos de malandretes, rufões e gatunos que, por essas ruas, vão devastando tudo como selvagens de tanga e roubando o seu semelhante como *autenticos salteadores* da Calabria.

N'aquelle rotulo de civilização com que Portugal tem sido exportado, cabe aos estrangeiros, após os ultimos acontecimentos, o direito plenissimo de lhe pespegarem com o carimbo de falsificado.

Aquelle Zé Povinho, seculo XX, aprumado e elegante, vestindo casaca bem talhada, apertando entre os dentes a extremidade avassoiçada da beata d'um charuto de picar; que faz a rua



LISBOA — MONUMENTO AO PROFESSOR SOUSA MARTINS — (COSTA MOTTA)

do Ouro á noitinha e aos domingos ouve musica na Avenida e vae jantar ás hortas, é um Zé de contrabando, falso como Judas, postigo como um rabo d'entrudo, balofo como um prato de farofias.

Nada tem de elegante encasacado, é o mesmo de hontem, grosseiro, ignorante e boçal, a quem á força mettem em uma encadernação de luxo para o fazerem representar na comedia da vida politica, onde vae tão detestavelmente que pode equiparar-se ao mais reles actor de feira.

Comedia da vida politica disse eu, quando com mais rigor e acerto devo chamar-lhe tragedia para alguns, farça para outros e pantomima para aquelles que, como eu, — graças a Deus — veem os politicos de palanque.

Ai, querida Maria Rosa, que pelinragem de politica vae por este torrãozinho fóra!

Que grandes arrôtos de patriotismo trescalando como burro a egoismo!

Dão-me ideia do janotinha imbecil e mentiroso que nos gaba a cada passo a lista franceza d'iguarias, que dando-se ares nos impinge, volta não volta, o motivo da sua preferencia e exclusivismo por semelhantes pratos e a quem uma indisposição estomacal, inconveniente e indiscreta, obriga a vomitar bacalhau com batatas.

O Zé da actualidade é o herdeiro legitimo das prendas do pae e do avô.

E' o mesmo casca grossa, o chapá-

dote e tolo de todas as eras. Aos taes senhores politicos é que lhes convem apresental-o como pessoa limpa, de raciocinio logico e intelligencia vigorosa.

E' claro que se o mostrassem tal como elle é, o ridiculo cairia sobre os seus dirigentes.

O pacovio teria o direito de arreganhar o dente e de os tornar unicos responsaveis da sua desgraçada situação.

Aqui á puridade, sem que ninguem nos oiça, só o estimam quando precisam d'elle.

Pelas eleições levam no pela mão aos comicios e d'ahi trazem-no ás urnas, onde vota sem consciencia para servir amigos, patrões, egoismos e conveniencias.

Quer-se apear ou montar um ministerio, eleger uma commissão, salvar um jornal?!

Veste se o Zé d'anjinho; leem-se-lhe jornaes espirrando fel e polvora, onde o mutuo insulto, pifio, grosseiro e nojento, está em cada palavra, fazem-se cartas abertas, supplementos



ESTATUA EM BRONZE

offensivos, com politica de soalheiro.

Chega-se a gente a convencer de que alguns jornaes são escriptos pelas regateiras da praça.

Passados estes momentos de necessidade politica, ninguem pensou em ensinar ao povo onde tem a mão direita ou a conhecer as primeiras lettras.

Isto é que se chama ter dedo para a coisa!

Na epocha actual quem vê um palmo para diante do nariz admite como mais perfeita e melhor a forma do governo electivo. Pois bem; o meu leiteiro, o padeiro, o peixeiro, o vendedor de jornaes, o operario, que deram vivas á republica e nas arruaças foram os unicos a levar a sua conta (ao que me consta nenhum dos taes patriotas politicos foi ferido ou morto) ignoram o que seja tal forma de governo.

A republica, imaginam elles, é cada um fazer o que muito bem lhe appetce, sem ter de pagar contribuições, etc.

Têm razão. Qual foi o jornal que lhes descreveu as vantagens ou mostrou o que era a republica?!

Olha, Maria Rosa, pergunta-o á tia Leocadia, como é velha e relha, talvez se lembre.

Teu primo

LAMPARINA.

Vê-se nas capas o concurso charadístico e novas secções.

Sonetilho

Amei-vos em um momento,
Amei-vos p'ra toda a vida...
Mas em vão busquei guarida
No vosso olhar... meu tormento!

Despedaçastes minh'alma
Com sorrisos d'ironia;
E eu que alegre outr'ora ria,
Descrente procuro a calma!

Deus da minha adoração,
Oh! dizei, mimosa flôr,
Anjo do meu coração,

Senhora do meu amor,
Dizei-me por compaixão:
Terá fim a minha dôr?...

Lx.º 9-Abril-908.

MAC-ILLERNO.

EXPEDIENTE

Pedimos aos Ex.^{mos} Srs. Assignantes a fineza de mandarem satisfazer até ao fim do mez a importancia das suas assignaturas.

A partir d'esta data a cobrança será feita pelo correio e augmentada com a respectiva taxa de 60 réis.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Na realidade só o nome laureado de Antonio Fuentes conseguiria que no passado domingo se enchesse quasi á cunha o vasto circo do Campo Pequeno. O dia nebuloso e ameaçando chuva, não convidava de certo a assistir á corrida, apesar d'esta se anunciar com attractivos de primeira ordem.

Antonio Fuentes teve na sua despedida em Portugal mais uma tarde d'aquellas que se inscrevem nos fastos da tauromachia. A' suprema elegancia da sua figura, accrescente-se a arte desigual de que só elle — depois de Guerrita — é possuidor.

A *maneira*, toda sua, que empregou na lide do 5.º touro, é tudo quanto de melhor temos visto.

Verdade, verdade, que não sabemos se o publico do Campo Pequeno permitiria a outro *diestro*, que não fosse o celebre bandarilheiro de *Cara-Ancha*, a forma de preparar as sortes, que empregou n'aquelle touro.

Em todo o caso, a verdade é que é raro ver-se tourear assim, e muito mais rara a ovação de que foi alvo o espada que não mais tornaremos a ver.

Se, como bandarilheiro, Fuentes esteve á altura do seu nome, tambem nos seus trabalhos de capote e muleta não foi menos artista.

Emfim, repetindo que foi uma das suas meliores, se não a sua melhor tarde em Portugal, está tudo dito.

Eram de Emilio Infante os touros que se lidaram, tendo alguns o ferro

da antiga ganaderia de Estevam d'Oliveira.

Como apresentação nada mais se pode exigir, e todos mais ou menos accusavam nobreza e voluntariedade, até mesmo o 3.º que a parte do publico pareceu manso, teria tido mais brilho se Fuentes, em vez de querer por força lidal-o a cambio, o toureasse de frente.

Tambem, ás vezes, parece-nos, os mestres se enganam.

Cavalleiros foram Manoel Casimiro e Morgado de Covas; este fazia a sua reaparição depois de voltar do Brazil.

Manoel lidou o seu primeiro com correção, terminando com um curto muito bom. Já do segundo se não pode dizer o mesmo, porque o touro, tambem tinha peiores qualidades.

Morgado, a quem faz falta o cavallo que lhe morreu ha pouco, teve de entender-se com o 4.º e 9.º. Aquelle logo de entrada lhe proporcionou um susto. Era um mal intencionado, que cortava terreno d'uma maneira espantosa. Morgado, no entanto fez a ma-

xima diligencia por ser correcto, o que quasi conseguiu.

Os nossos bandarilheiros diligenciam todos agradar, e assim se mencionam bellos trabalhos, como sejam as gaiolas de Cadete e Theodoro, um cambio de João de Oliveira dois pares quartecando de Manoel dos Santos, etc.

Pouco ou nada fizeram os bandarilheiros do espada.

Os forcados fizeram tambem pouco, e esse pouco... mau.

Por impedimento do sr. Carlos Martins dirigiu a corrida o conhecido aficionado Jayme Henriques, que, de resto, pouco pode mostrar dos seus vastos conhecimentos, pois que a lide foi mais dirigida por Fuentes.

Não quer isto dizer que fosse mau o trabalho do director. O pouco que fez da sua parte foi muito acertado.

Emfim, a terceira da temporada, foi o que se pode chamar uma boa corrida, especialmente a primeira parte que deixou todos os espectadores magnificamente impressionados.

EMECÊ.



ANTONIO FUENTES Y ZURITA

ARTE

DE

TEATRO

Um Policia Amador (Sherlock Holmes) peça em 4 actos, traduzida do alemão por Freitas Branco. T. Príncipe Real.

Como não bastassem os polícias de profissão que acutilam e prendem, correm e apitam, namoram e patrulham, surge-nos a cada esquina, de sentinella ao cunhal de cada prédio, estampado n'elle como uma borboleta numa colecção, um policia amador, estrangeiro sempre e que promete, no pintalgado do *reclame*, levar a palma em subtilza ao chefe Jacob e, em artimanhas, ao cabo Simão; e nós que julgamos não casar nunca o nosso jaquetão de *cheviot* com a tarimba dum antro policial, fomos obrigados a dar-nos á prisão por livre e espontanea vontade. Assim: uma noite d'estas fomos dar com os costados á esquerda da rua da Palma, que é como quem diz, ao theatro do Principe Real.

Freitas Branco que vestiu o policia á portuguesa e que é reincidente no crime de candonga de linguas estrangeiras; Freitas Branco que se houvera existido no tempo da torre de Babel, teria conseguido escalar o Céu, na qualidade de interprete, digamos mesmo dicionario, dos seus constructores, fazendo representar perante o Padre Eterno e anjos adjacentes, toda a sua bagagem litteraria (com autorização, já se vê, do Kaiser biblico); Freitas Branco, a quem outorgamos de hoje em diante o titulo de Freitas Ollendorff, verteu dum jacto, expontaneamente e sem dificuldade, um policia amador que depoz, aliviado, no Principe Real, por detraz do pano, para que este não possa subir mais de quatro vezes por noite.

A peça é animatografica, polichromica, queijolondrinica, pirotechnica, pistolotirica e... mais nada.

Entre uma dor de dentes, um disco de gramophone, um artigo do fundo de *A Palavra*, uma caixa de pilulas Pink e a peça do sr. Freitas Ollendorff, preferimos esta.

Quanto ao desempenho citaremos em primeiro logar Luciano, que diz com muita naturalidade, apesar de não saber nem virgula do seu papel... como é costume, aliás pessimo n'um actor de merito. Vieira deunos um soberbo Dr. Scharp no primeiro acto, merce do magnifico typo que creou, da naturalidade da dicção, muito cuidada e correcta. Nos actos restantes descaiu quasi nada. Insiste menos no habito de emittir sons nasaes no final de cada phrase e como é intelligente deve caminhar de pressa. Luz Velloso é gaiata, alegre e viva como convem á personagem, que desempenha correctamente. Lucinda fez o que poude n'uma viuva mal desenhada pelo auctor. Gil e Rodrigues levaram a agua ao seu moinho.

A sr.^a Georgina Vieira, lembramos que *izitante* é... pau.

A encenação do sr. Mendes não é dos seus melhores trabalhos; assim, no 2.^o acto, os grupos das figuras atropelam-se a cada passo, dando ao espectador uma pessima impressão.

A contra-regra é contra todas as regras e convenções exigidas em theatro: as personagens não entram a tempo, faz luz quando deve escurecer e escurece quando deve illuminar, dando-nos emfim, a impressão d'uma trovoadá na Serra Leoa com relampagos em barda.

Ai! que *fadigas*! E a quanto nos obrigas.

CESAR CORREIA.

Figuras do Palco



Actor Euzebio

(Do theatro da Rua dos Condes)

A B C revista em 3 actos e 12 quadros, original de Acacio de Paiva e Ernesto Rodrigues. Musica de Calderon e Irel-Negro — T. Avenida, 12 de Março 1908.

A revista ultimamente representada no Avenida, não prima, é certo, por abastança de originalidade, mas tem graça como poucas, embora de quando em vez alguns ditos correm leigos de faces pallidas. E mais não se pode exigir porque tem a qualidade principal em trabalhos do genero.

O sr. Acacio de Paiva e o sr. Ernesto Rodrigues são dois escriptores de theatro em trabalhos de valia. O primeiro é um traductor correctissimo e poeta primoroso. O segundo é um comediografo que imprime a tudo o que sae da sua penna a graça natural, sem esforço, bem adequada ás situações comicas em que lança ridiculos e admoesta accões.

De tal ligação nasceu o *A B C* em horas de bom humor. Os quadros succedem-se sem interrupção de alegria fecundante, de bem estar. Todavia para nós salientam-se: O 1.^o quadro *O Paiz da Luz*, em que numa *charge* impagavel a certo *medium* policial, se desenrolam scenas de acabado sentimento. Ali vimos os bustos queridos de João de Deus, e ouvimos a recitação de versos seus por duas creanças gentis; de Julio Diniz, a que as pupilas do sr. Reitor denunciaram o romancista impecavel; de D. João da Camara, exalçado pelas suas tres creações dramaturgicas: *Os Velhos*, *Triste Viuvinha* e na canção dolente da *Rosa Engeitada*; de Heliodoro Saigado, a que um operario presta caloroso preito, e por fim Alexandre Herculano, mimoseado com versos patrioticos.

O quadro dos theatros impõe-se tambem pelas alusões a artistas e empregarios em evidencia. O quadro passado na esquadra da policia está cheio de situações dum comico irresistivel.

O desempenho é digno de nota. Alvaro Cabral faz um *compère* com graça. Auzenda é gentil na dicção e desafinada no canto, Julia Mendes, eleva-se em todas as rabulas que faz. E' uma artista inimitavel no genero. Palmira Bastos, fria e graciosa na *Caridade Elegante*. Carmen Cardoso, espirituosa nos papelinhos que desempenha. Pinto Ramos, cantando um fado excellentemente. Simões Coelho, na dicção do operario admirador de Heliodoro Saigado. Chica Martins, burlésca em duas rabulas. Martins dos Santos, gracioso no Rákú. Amarante, bem nos papelinhos a seu feitto comico. Sarmento, alegre e caricato em rabulas marcadas com intelligencia.

A musica tem números de facil assimilação. Calderon emparceirou com Del Negro, como conscientes da sua arte, Encenação hesitante e descuidada, repetindo processos velhos de movimentos, marchas, etc. etc. Scenographia dos finais dos actos esplendida. Pina, Reis e Salvador foram felizes.

Y.

Mã Sina — episodio dramatico em 3 actos, original de Bento Mantua — Th. D. Maria II, 11 de Abril, 908.

Uma inexperada viagem de Mario Lage obriga-nos a julgar um trabalho d'um camarada de redacção, o que se nos afigura uma tarefa melindrosa, embora tenhamos de tecer-lhe elogios, visto como o leitor poderá imaginar que se trata apenas de fazer uma critica menos sincera e destinada unicamente a deificar uma creatura que nos deve ser querida por todos os motivos. Não usamos cá por casa do elogio mutuo e, felizmente, salvará a nossa opinião o consenso unanime da imprensa periodica, que, antes de nós, julgou a *Mã Sina* um trabalho d'elevado merito e o seu autor um novo de talento.

O consenso unanime, dissemos, mas não é assim. Algum critico houve que, levado pelas impressões d'uma unica audicção, divergiu da opinião geral. E como dissecar aquella opinião equivale a fazer a critica da *Mã Sina*, enveredaremos por este caminho talvez de piso um tanto aspero e doloroso, mas com o firme proposito de chegar ao fim com folego bastante para tornar a fazer caminho igual, se o illustre critico assim o desejar.

A *Mã Sina* marca o inicio do resurgimento do theatro moderno em Portugal. Naquelle trabalho, todo escripto de absoluta boa fé, não ha *trucs*, nem se puxam cordelinhos para engodo e contento da massa ignara que só frequenta o Normal para ouvir dizer na ultima scena da peça «casem meus filhos e sejam felizes».

E' a Verdade desenhada a traço negro, duro e crú, mas é a Verdade esmagadora e santa, porque é a Verdade. E' a vida do campo, a vida ribatejana, com todos os caracteres perfectamente desenhados e marcados de principio a fim e onde os homens são rijos e d'arcaoiteo inteirico, mas tambem magros, franzinos e de nervo vibrante, ao invéz das creaturas masculas do nosso Minho e Alemtejo. A nossa divergencia começa n'este ponto e accentua-se mais ao lermos, que o illustre critico chama aos do Ribatejo creaturas de gestos vris quando, é certo, que os seus gestos são limitados, parcos, e insufficientes, mal acompanhando ideias por vezes grandiosas, como possa ser a de antepor, muitas vezes, a honra á vida. Não basta conhecel-os apenas por intermedio das touradas noturnas em Villa Franca, é necessario entrar com elles na vida campestre e na sua vida familiar. E quanto ao que nos diz de haver *lá dentro toda a bondade primitiva d'um santo* é ainda uma asserção errada, porque muitos conhecemos abrigando no seu intimo toda a velhacaria primitiva d'um demonio.

Falsa impressão! colheu, ainda, o illustre censor, ao interpretar o pensamento do auctor da *Mã Sina* julgando-o um paladino da *mã sorte, mau fado, coisa fatal e irreductivel á vontade alheia de cada um*, linha recta traçada no livro do destino por um magico de balandrau preto, tatuado de bicharocos exquisitos, quando, em boa verdade, o sr. Mantua foi na sua peça um defensor accerrimo do determinismo, provando que se *a* é igual *b* e *b* igual *a*, *a* é fatalmente igual *a*.

Analysemos tambem, porque, pelo mesmo motivo, temos como o illustre critico o direito de *faça valer o nosso criterio não nos comprometendo, a ser da opinião do nosso visinho*.

O auctor não esqueceu nenhum dos factores que poderiam concorrer na formação exacta dos caracteres das suas personagens. Assim mereceu-lhe a maior attenção o estudo da hereditariedade: Pedro aninhan-

do em si toda a bondade da sua *santa mãe*, sem alheiar, no entretanto, aquelle bocadinho de velhacaria saloia, que fórma, por assim dizer, o substractum animico do homem do campo; Manuel, recebendo por igual a influencia dos caracteres de seus progenitores — umas vezes praticando acções fidalgas, sacrificando a sua vida e a sua liberdade para salvar a honra de uma mulher indefeza, chasqueada pela malta e quasi desconhecida para elle (influencia materna), outras vezes duro, teimoso, egoista, cruel, desrespeitando o pae, roubando ao irmão a mulher que a este de direito lhe pertence, chegando até a aceitar a cedencia que Pedro lhe faz da amante, sem pensar na desgraça que o pae vai lançar a alma atribulada e covarde d'um ente gerado no mesmo ventre (influencia paterna, combinada com o desprezo do pae nos primeiros annos da vida e com o mau exemplo colhido na prisão, onde permaneceu durante oito annos).

«Que coisas eu lhes ouvi» diz elle, no 1º acto, e taes foram e por tanto tempo martellaram na sua consciencia, que acabaram por se anichar lá dentro, para fazerem erupção em tempo asado.

Se ao critico aprouver construir um parallelogramo de forças em que concorrerem todas as que apontámos e mais os preconceitos inherentes á educação e á cerebração especial da gente do campo, verá que a resultante ha de impellir as personagens á pratica dos actos vigorosamente traçados na *Mã Sina*.

Succede assim porque não pode succeder d'outra maneira.

E' ainda lamentavel que alguém podesse ver na phrase — *Um homem de bem não mata nunca* — a consubstanciação de todo o trabalho do sr. Mantua!

A alma boa de Pedro tendo ouvido de manhã o pae empregar aquella phrase, «tra-h'a de chofre, com violencia, como ultimo recurso, agarrando-o, de forma tal que o velho moleiro attonito e confuso, não querendo renegar a sua opinião anterior, cede mais por brio saloio, do que por amizade paternal a um filho, a quem odeia pelo crime de ter morto a mãe á nascença. Que a phrase não constitue a these da peça provam-no ainda as palavras do Pedro quando, após a descripção da morte praticada pelo irmão, exclama com enthusiasmo: fizeste o que eu teria feito.

A falta d'espaco com que um semanario lucta obriga-nos, infelizmente, a deixar para o proximo numero outras considerações que nos suggerem a peça, o desempenho e ainda a critica que vimós discutindo.

ROSANOL.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Alvaro E. G. C.

Sou amigo sincero de todas as pessoas que me consultam, apesar de não conhecêr a nenhuma delas.

Nestas circumstancias, proponho-me sempre, pelo meu consêlho, desviar-as dos perigos que as ameaçam.

Pêla força de vontade, o homem pode sempre desviar o bico do punhal que o Destino tem destinado ao seu peito.

E' o seu caso. Se continua deixando fermentar na alma os sentimentos que neste momento a dominam, compromete o seu futuro e está irremediavelmente perdido neste planêta, o que é mau e... no que vem depois, o que é pessimo!

A boémia mata-lhe o corpo, enferruja-lhe o entendimento, amolece-

lhe o amor ao trabalho e atira-o sem piedade para a ociosidade vil, mãe comum de tôdas as desgraças e de todos os desgraçados.

O odio que vota ás leis, aos regimens, a tudo quanto cheira a auctoridade, alem de um crime da sua parte, põe-lhe nos olhos um denso véu que o não deixa vêr a sua nobre missão de homem.

Não é com o odio, com violencia, com sangue que se concertam as panélas rachadas da sociedade actual. E' com a sã consciencia dos nossos direitos e deveres e dos devêres e direitos dos outros, posta ao serviço do exemplo altivo, digno e honesto.

E' necessario que pêlos nossos actos, mereçamos o nome de *homens* para têrmos o direito de exigir ao proximo que se porte conosco como *homem*. E' facil dizer: «fulano portou-se mal», é difficilmo ouvir da propria consciencia «foste sempre impeccavel».

Creio mêsmo que ninguém ainda conseguiu escutar essa frase!

O sr. diz que sente o sarampo revolucionario espriear-se em manchas vermelhas na sua cutis juvenil, pois bem: comece a cura revoltando-se contra si proprio e se, mercê do tratamento, conseguir dominar a insurreição, verá que a sua péle, branca e rosada é mais bêla do que serapintada de pintas cor de sangue.

A consciencia do devêr cumprido e a satisfação do direito respeitado, alegram mais a monada animica do nosso sr., do que meia duzia de tropos balôfos recitados enfaticamente á mêsa dum café de *boulevard*, entre duas canéas de pessima cervêja alemã.

Tenha juizo, senão está perdido, garante-lho o seu verdadeiro amigo Georges Clément.

A bon entendeur... salut!

G. C.

(Veja nas capas a senha de consulta de mais requisitos)

Meus versos

Não tem valôr estes meus versos, linda, Pois são singêlos e não teem belleza; Pois se eu só canto a minha dôr infinda... Toda a amargura, a minha mór tristeza...

Que são meus versos senão ais, delirios, Suspiros lyricos que sôlto aos ventos? Que são meus versos senão ais, martyrios, Penas e maguas, tão febris lamentos?

Pois se eu só canto os tristes ais doridos... Nada de bello n'elles, diva existe; No emtanto eu amo-os porque são gemidos D'alma dorida, apaixonada, triste!

Porto.

PINTO FERREIRA.

Veja-se nas capas o concurso charactístico e novas secções.

Guitarra de Romanol

1
Nem tudo que luz é oiro,
Nem tudo que brilha é prata,
Quanta vez o mau agoiro
N'um sorriso se retrata.

2
Matas-me rindo, que louca!
Pois julgas que não sabia
Que os sorrisos d'essa bocca
Valem bem uma agonia?!

3
No cimo do monte agreste
Nasce um lilaz, morre breve,
Como a esperança que me d'este
N'um beijo frio, de neve:

4
Puz-me, ao ver a pretidão
Dos teus olhos, a scismar
Como tanta escuridão
Tamanha luz pôde dar.

5
Quanto mais na vida avanço,
Mais recuo na ventura,
E, se á campá os olhos lanço
Mais vejo que a vida dnra.

Cumulos

Do estudioso — Estar debaixo d'uma arvore a ler por cima.

Da disciplina — Fazer continencia a um official de sapateiro.

Semana Alegre

N'uma hospedaria da provincia:
— E' possivel que me demore e portanto quero ser bem tratado e ter bastante de comer.

— Ora essa, cavalheiro! A reputação d'esta casa vem de tempos immemoriaes. Na semana passada morreram aqui de indigestão, quatro hospedes.

VARIÉDADES

Puding de biscoitos. — Enche-se quasi, uma forma simples, untada de manteiga, de biscoitos, pondo-se em camadas e sobre cada uma d'ellas deitam-se pequenas passas de Corintho, palitos de amendoas partidos e bocadinhos de cidrão. Depois misturase meio litro de leite fervido, mas frio, com 106 grammas de assucar pulverisado, dois ovos inteiros e seis gemmas; passa-se tudo por uma cambraia e deita-se pouco a pouco na forma, que não deve ter ficado cheia com os biscoitos. Põe-se a ferver n'uma vasilha com agua a ferver e deixa-se ficar n'um lume brando, devendo a agua conservar-se quente, mas sem ferver. Logo que o puding se torne solido tira-se da forma para um prato.

POSTA RESTANTE

Galucho — Está errado. Exemplo: o quarto, decimo e undecimo versos, teem o accento tonico respectivamente nas 7.^a 5.^a e 7.^a syllabas.

O 1.^o tem 12 syllabas sendo a 7.^a a accentuada; o 2.^o tem 9, accentuados na 7.^a e etc...



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 3.^a SERIE

Cinco premios

- 1.^o — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.^o — Uma palmatoria de prata.
- 3.^o — Uma biscoiteira.
- 4.^o — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.^o — Uma assignatura gratis para a 4.^a serie.

Condições do Concurso

- 1.^a—Decifrar, durante os 15 numeros da 3.^a Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
 - 2.^a—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
- As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 2 1/2 réis.

Decifradores

DOS
N.^{os} 27, 28 e 29

Bailio-N.^o 27, 8-N.^o 28, 5-(13)—Giliosa-N.^o 27, 5-N.^o 28, 3-N.^o 29, 6 (14)—Luz A. Ceia-N.^o 27, 2-N.^o 28, 2-N.^o 29, 3-(7)—Sombrio-N.^o 27, 10-N.^o 29, 8-(18)—Celeste-N.^o 27, 14-N.^o 28, 13-N.^o 29, 11-(38)—Açarepse-N.^o 27, 8-N.^o 28, 6-N.^o 29, 8-(22)—Sado-N.^o 27, 5-N.^o 28, 6-(11).

Decifrações

Do numero 30

Barbotina—Caramello—Almacega—Osso—Cavilha, calha—Pateta, pata—Floreira, Flora—Fuinho, juinha—Cão, pão—Cavallaria—Entrecosto—Na terra dos cegos quem tem um olho é rei—Quem teima em dizer verdades perde amizades—Quanto mais alto se sobe maior queda se dá—Touro.

Quem ganhará o concurso

DA

2.^a SERIE?

N'esta semana deve reunir o jury para classificar os concurrentes charadistas, afim de se apurar a quem devem ser conferidos os tres premios oferecidos pelo AZULEJOS.

As classificações serão dadas no proximo numero.

Logogrifo

Rapido

1, 2, 3, 4, 5 6, 7, 8, 9, 10
No céu Na bocca

Instrumento

OMEGA



Charadas

Fui um dia a um pinhal
De verde escura ramada-1
P'ra trazer para o meu lar
Alguma lenha... mais nada.

Era uma fresca floresta
Toda d'arvores frondosas,
Que ficava ao pé d'um rio-1
De margens mui rumorosas.

Mas, p'ra a lenha que apanhei
Eu perdi pelo caminho
O barbante que trazia
Para atar o meu molhinho.

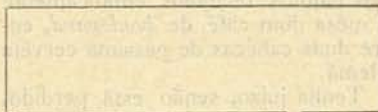
OJUARA



Eu sou a primeira-1
Sou prima tambem-1
Tambem sou terceira-1
Primeira inda vem-1

Procurae no *Flos Santorum*
O conceito da charada,
E sem muito folhear
Ella será decifrada.

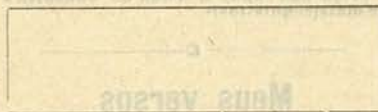
R. D.



Novissima

Em uma grande egreja vi um quadro que representava um animal-1-1.

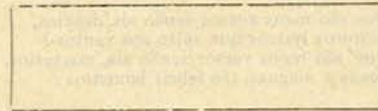
REI DOS DOIDOS



Bisada

Fructo-3
—bru—
Animal-2

ONO



Synopada

3-Encontrei um animal no alto d'uma serra-2.

ALPHA



Augmentativa

Rompe o mamifero-2.

J. F.

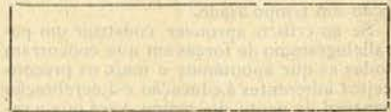


Enygmas

Por iniciaes

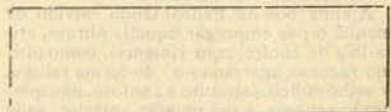
N S S S N M S A
I 3 I I I 2 I 2

J. P.



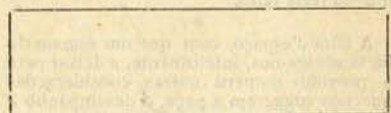
M O A D O C
2 I 4 3 I 4

A. B.

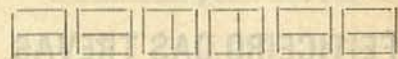


A A P M E F P
2 2 4 I I I 2

J. P.

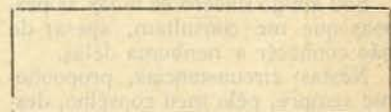


De palitos



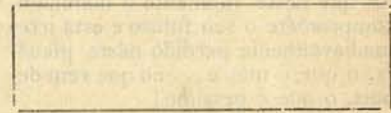
Tirando 8 palitos fica uma ave.

A. PERDIZ



Tirando 8 palitos fica um animal.

A. O.



Artigos a decifrar, 12.

A 3.^a Serie do AZULEJOS

Alem de maior numero de gravuras será augmentada com novas secções, entre as quaes apparecerá uma de grande utilidade para as nossas gentis leitoras:

MODAS E CONFECÇÕES

O AZULEJOS continuará a publicar em todos os seus numeros trechos musicaes, artigos scientificos, contos, versos, criticas theatraes, tauromachicas, sportivas, etc.

CONCURSO CHARADISTICO

Satisfazendo ás condições dos anteriores e com cinco premios:

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith)
- 2.º — Uma palmatoria de prata
- 3.º — Uma biscoiteira
- 4.º — As tres series do AZULEJOS encadernados em percaline
- 5.º — Uma assignatura gratuita para a 4.^a Serie

Assignatura por serie de 15 numeros 300 réis

A COBRANÇA PELO CORREIO CUSTA MAIS 60 REIS

Todos os pedidos d'assignatura serão satisfeitos na volta do correio, quando se façam acompanhar da respectiva importancia, sem o que não serão attendidos.

PROPRIEDADE no "AZULEJOS"

(CONTINUAÇÃO)

EM BOLANDAS

PAS-DE-QUATRE

Alfredo Mantua

Molto maestoso

con energia

delicato

legato

Coda Un poco meno

dim. e rall.

sempre.

al.

pp

ppp

ff

ERRATA DO NUMERO ANTERIOR

No 19 compasso a minima DO deve ser um LÁ (mão direita)